

O MESTIÇO DE SÃO BORJA

ALCY CHEUICHE

O MESTIÇO DE SÃO BORJA

6º Edição



Editora Sulina

© Alcy Cheuiche, 2001

Capa
Humberto Nunes

Projeto gráfico
Daniel Ferreira da Silva

Revisão
Mariane Farias

Revisão gráfica
Miriam Gress

Editor
Luis Gomes

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: DENISE MARI DE ANDRADE SOUZA CRB 10/1204

C526m Cheuiche, Alcy
O mestiço de São Borja / Alcy Cheuiche.-- 6.ed -- Porto Alegre:
Sulina, 2012.
302 p.

ISBN: 978-85-205-0657-8

1. Literatura Brasileira - Romance. 2. Romance Histórico –
Literatura Brasileira. I. Título

CDD: 869.3B
CDU: 869.0(81)-31

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS
Tel: (0xx51) 3311-4082
Fax: (0xx51) 3264-4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Setembro/2012}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

SUMÁRIO

Prefácio da 1ª edição

UM ROMANCE VERDADEIRAMENTE HISTÓRICO, 7

Antonio Hohlfeldt

Fronteira do Brasil com Argentina

PRIMAVERA DE 1930, 15

Porto Alegre

OUTONO DE 1941, 35

Front italiano

INVERNO DE 1945, 59

Alegrete

VERÃO DE 1950, 85

Rio de Janeiro

INVERNO DE 1954, 107

Fronteira do Brasil com Argentina

INVERNO DE 1959, 135

Porto Alegre

INVERNO DE 1961, 171

Paris

OUTONO DE 1964, 191

Noroeste do Rio Grande do Sul

PRIMAVERA DE 1968, 223

Porto Alegre

OUTONO DE 1974, 253

Rio Grande do Sul

PRIMAVERA DE 1980, 277

Estocolmo

10 DE DEZEMBRO DE 1980, 295

Prefácio da 1ª edição

UM ROMANCE VERDADEIRAMENTE HISTÓRICO, GRAÇAS AOS CÉUS!

Antonio Hohlfeldt

Depois de seu romance em torno da mítica figura rio-grandense de Sepé Tiaraju, Alcy Cheuiche nos volta de maneira surpreendente, com este verdadeiro painel histórico que é O MESTIÇO DE SÃO BORJA. Nenhuma relação entre o outro romance, a não ser a preocupação ecológica do autor com os índios, figuras que igualmente me atraem. Mas Alcy vai bem mais adiante do que compor simplesmente um trabalho catequisador em torno dos índios, porque, na verdade, este é apenas um dos subtemas que aqui aparecem. Na verdade, em O MESTIÇO DE SÃO BORJA, se o principal personagem é Oswaldo, devidamente ladeado pelo pai adotivo Otto e seu íntimo amigo Timóteo, seguindo-se mais tarde a segunda esposa, Françoise, a grande figura de toda esta narrativa é realmente o Brasil.

Já lá se vão os tempos dos romances/rio, em que, através de gerações inteiras e muitos volumes, um Marcel Proust ou um Roger Martin du Gard, ou ainda um Balzac, acompanhavam a evolução de famílias inteiras, criando nesse microcosmo o complexo de toda uma sociedade que, na verdade, se encontrava em observação. O tempo contemporâneo exige maior síntese, e assim, Cheuiche, entre outros, atravessa algumas gerações, sim, mas numa ação relativamente centrada. Otto é filho de imigrantes alemães, que na carreira militar encontra certa noite um bebê abandonado, já que seus pais legítimos foram devorados por uma onça esfaimada. Alia, assim, o romancista, o elemento imigran-

te ao mestiço, pois que Oswaldo é filho de mulher branca com mestiço índio ou negro, e ao ligar a trajetória dos dois personagens à do soldado Timóteo, que é mulato, amplia-se a miscigenação, pois agora teremos as várias raças que se encontraram no decorrer das décadas em nosso território, culminando com o segundo casamento de Oswaldo, com Françoise, uma negra francesa, antropóloga, com o que se ratifica a linha europeia, mas, simultaneamente, também a africana.

De militar de carreira, Otto vem a se tornar, no decorrer da ação, graças ao cunhado Egon, alguém envolvido no jogo da política. E através desta narrativa, vamos conhecer de perto as intrigas das Revoluções de 30 a 32, as tentativas de golpes de 1945, que derruba Getúlio Vargas, seu retomo vitorioso em 1950, as eleições de Jânio Quadros, a Legalidade de Brizola, o golpe de 1964, o Ato Institucional de 1968, e enfim, numa prospectiva sobre o futuro, já que o livro foi escrito em torno de 1978, encontramos com sua ação projetada para 1980. Alcy é legítimo romancista, sobretudo nestes momentos finais, quando reserva, uma após outra, uma série de surpresas para o leitor, culminando com um prêmio Nobel.

Momentos profundamente emocionantes desenham-se aqui e ali, na figura do jornalista, por exemplo, ou daqueles que rodeiam Getúlio na noite de seu suicídio em 1954. Alcy consegue vencer este desafio incrível que é falar de milhares de coisas simultaneamente, como todo estreado imagina conseguir fazer, justamente por não ser ele um estreado. Dominando o desenvolvimento de seu enredo, o narrador devolve, faz cruzarem-se num momento e depois, mais adiante, dezenas de personagens, cumprindo funções por vezes relativamente esquematizadas, mas que, assim mesmo, justamente por não preocupar-se o narrador em inúteis aprofundamentos, mantêm-se verossimilhantes: afinal de contas, quantas vezes na vida real já não nos encontramos efetivamente com alguém que virá a desempenhar, num futuro para nós ignoto, papel fundamental em nossa vida?

Diálogo simples, fluído, aparentemente fácil, natural, mesmo quando atinge a preocupação didática de explicar con-

ceitos, ideias, como quando da visita do jornalista à reserva indígena ecológica, o romance vive vida própria, pulando de uma para a outra ação com excelente e contínua dinamicidade, fazendo com que a principal qualificação para que um leitor curioso permaneça em sua leitura seja plenamente atingida: o que é que vai acontecer com o personagem?

Extremamente fiel às raízes rio-grandenses, o romance de Alcy Cheuiche, por trás de uma aparente frivolidade, pelo jogo familiar em torno dos personagens que desenvolve, na verdade está rigidamente estruturado. Sua fidelidade é tão profunda, que até mesmo a gênese de Oswaldo corresponde, por sua mestiçagem, ao conceito primeiro que temos do genuíno tipo rio-grandense, no dizer de João Simões Lopes Neto, isto é, justamente ser um tipo Crioulo, que no dizer rio-grandense é a mestiçagem índio-branco. Por isso mesmo, Oswaldo, que se sente de início marginalizado, e que chega inclusive, ainda menino, a fugir de casa quando descobre sua verdade, termina por aceitar que “quem cria é que é o verdadeiro pai”, e termina também por adotar definitivamente a família que o adotara. É por isso mesmo que ele, expulso e profundamente frustrado com a politiquice que se pratica às costas de Getúlio Vargas, e que culminará com seu suicídio, em agosto de 1954, o qual ele acompanha de perto, retira-se dessa luta, indo cuidar de uma outra, tão importante ou mais do que esta, que é a medicina efetivamente ligada aos interesses do povo brasileiro.

Retrato fidedigno da nação brasileira, em todas as suas mazelas, retrato feito com carinho e simpatia, mas sem alucinações e falsidades, O MESTIÇO DE SÃO BORJA emociona até mesmo pelos ideais que projeta. Não é fácil, tenho absoluta certeza, fazer romance sobre uma época, e ainda mais sobre uma época como a nossa, sem cair na manipulação dos dados, sem tomar partidos explícitos que não o do povo brasileiro, sem panfletarismos. Todos esses desafios Alcy consegue vencer, ultrapassando o mais importante, qual seja, o de não deixar de dizer aquilo que por certo moveu-o a escrever este romance.

Para finalizar, algumas confissões: invejo Alcy, porque o tema indígena, e a intenção deste romance, já quantas vezes eu, como talvez muitos de nós já não intentamos fazer, sem co-

ragem ou sem gabarito para tanto? Invejo, pois, o Alcy, porque ele conseguiu. Por outro lado, sempre preocupado que estou com as leituras que meus alunos de faculdade façam, especialmente aqueles dos cursos de Comunicação, desde já deixo aqui declarado que este livro será transformado em leitura de sala de aula para eles: lição objetiva da História do Brasil, esta narrativa traz a vantagem de não estar marcada pelos falsos heróis que sempre encontramos rodeados de suas belas mentiras em nossos tantos manuais, especialmente depois do golpe de 1964, em que, aparentemente, se pretende ter, só então, iniciado a história de nossa pátria. Ora, se dependência e entreguismo for história, por certo que os detentores atuais (pela força) do Poder terão sua dose de razão. Contudo, creio que Cheuiche, como um João Felício dos Santos, um Murilo Carvalho ou um Márcio Souza, pertence a um outro grupo de pessoas, como eu pretendo me incluir, para quem a história é um processo dialético cujo sentido advém apenas na medida em que consegue entender e posicionar a participação ou a marginalização do povo. E por trás das dezenas de personagens que Alcy Cheuiche manipula nesta sua narrativa, principalmente nas páginas finais do romance, estão todos aqueles segmentos populares que, no correr dos séculos da empresa colonizadora e depois, da implantação da ditadura militar entre nós, foram sistematicamente marginalizados, vilipendiados, explorados, mortos.

Por tudo isso, a leitura de *O MESTIÇO DE SÃO BORJA* me emocionou profundamente. E eu só posso agradecer a seu autor a oportunidade de acompanhá-lo, através deste prefácio, nesta que espero eu possa ser uma bela caminhada, não para a fama do escritor, mas para o bom cumprimento da tarefa do intelectual brasileiro: a conscientização não só do povo como principalmente das elites nacionais, e, através deste processo, o alcance de nossa verdadeira independência.